
Apresentação

Retratos, paisagens e história em perspectiva semiótica*

Ivã Carlos Lopesⁱ

Carolina Lindenberg Lemosⁱⁱ

Adriana Elisa Inácioⁱⁱⁱ

Três retratos de diferentes tipos abrem este número da revista *Estudos Semióticos* sob a pena de Lúri Lotman, Matheus Schwartzmann e Ariel Gómez Ponce. Três estudos sobre diferentes formas do que chamamos retrato, desempenhando diferentes funções, mobilizando diferentes valores. A tônica do retrato sugere esse fio inicial, mas também uma reflexão sobre o fazer semiótico. A semiótica, como os retratos, cria um ponto de vista sobre seus objetos e observa-os, descreve-os de um certo lugar teórico, ou, mais precisamente, muitos, visto que a semiótica são semióticas. Afinal, reconhecemos essas múltiplas visadas nos textos recolhidos e selecionados para esta edição, com estudos representantes das visadas francesa, norte-americana e russa. A *Estudos semióticos* realiza neste número uma de suas mais caras ambições, a de fazer dialogar, pela reunião, diferentes vertentes da semiótica, que de tão distintas, veem-se sempre atreladas ao sentido e à vida social dos signos. As várias visadas porém não são apenas teóricas. Não somente os retratos iniciais são de naturezas muito distintas, mas, na toada de abordar uma variedade de objetos – talento reconhecido das semióticas – os demais artigos vão nos trazer poéticas (Pastorini), leituras (Zaupa e Leite) e imagens (Fischer e Vaz), além da própria semiótica como metaobjeto (Nöth). Senão, vejamos.

“O retrato”, de Lúri Lotman (1922-1993), oferece-nos um ensaio sobre esse gênero que é, em suas palavras, a arte “mais simples e, portanto, também a mais sofisticada”. Começa por discutir o lugar da identificação no retrato, que depende da semelhança e do reconhecimento. Faz em seguida uma discussão

* DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2024.224405>.

ⁱ Editor responsável. Docente do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: lopesic@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0153-1949>.

ⁱⁱ Editora responsável. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: carolina.lemos@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0114-2548>.

ⁱⁱⁱ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil. E-mail: adriana.inacio@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2510-7659>.

sobre a dinâmica, pois diferente da foto, que é um congelamento do tempo, o retrato guarda a “memória do passado” e a “previsão do futuro”. A partir daí, aponta a centralidade dos olhos para a dinâmica, como fonte de alegorias e comparações, tecendo paralelos com a literatura. E continua a explorar os pontos de dinâmica *vs.* estaticidade que se constroem na relação entre o coletivo e o individual, o múltiplo e o uno. Segundo o autor, o retrato opera uma duplicação artística da realidade e sua reflexão mística: o retrato é mitogênico.

Em nova comparação, discute a diferença por relação ao espelho, pois criam-se valores na distância entre quem é refletido e quem refletiu na pintura. Os questionamentos sobre a autoria nos levam à inserção do autor na obra e à obra como uma grande assinatura: “O quadro todo, em sua unidade, é uma impressão da personalidade do autor”, diz Lotman. A entrada do pintor leva, por sua vez, à consideração dos estereótipos culturais do retrato a cada momento histórico, o que buscam acentuar, o que buscam esconder. E termina por reconhecer um cruzamento de três percursos culturais: estilizações do rosto na representação da Natureza; exigências do tempo, que determinam a aparência e suas distorções; e leis estéticas da pintura entre o autor e o público. Encaminha-se, em seu texto, para uma incursão na tensão entre o humano, o animal e o divino na pintura, que, no retrato, assumirá a imposição de uma conexão com a realidade. A dinâmica entre a liberdade de representação e a adesão ao real está, para o semioticista russo, ligada a uma relativização daquilo que pode ser considerado arte segundo o período. Nesse longo fio de ideias e argumentos que se constrói de forma quase natural na argumentação do semioticista russo, o retrato se funda como esse lugar privilegiado de reflexão sobre a arte, a literatura, o humano.

Ainda na temática dos retratos, desta vez no campo da fotografia, Matheus Schwartzmann (UNESP, Assis/SP) nos apresenta um belo texto engajado. O sabor ensaístico de “A misoginia na imagem política: violência e poder em retratos de Dilma Rousseff” não esconde um estudo profundo e detalhado da progressão discursiva em torno da imagem da ex-presidente na mídia. Por meio do levantamento de representações fotográficas, por vezes muito trabalhadas graficamente, Schwartzmann discute o percurso de paulatino descrédito que foi sendo construído pelos veículos de comunicação e que culminaram num veredito social que abre as portas para o golpe de 2016. O autor começa fazendo a crítica da suposta neutralidade da imprensa brasileira, que será desbancada por sua análise. Em seguida, apresenta aos leitores a progressão das imagens construídas de Rousseff: de guerrilheira extremista a figura dependente de Lula, passando pela imagem de descontrole, desembocando em imagens que sugerem violação de seu corpo e sua morte. A cada passo, Schwartzmann mostra como cada imagem é uma escolha enunciativa cuidadosa para a construção desses efeitos, quando não diretamente distorcidas de seus contextos e manipuladas

graficamente. O estudo resulta num engenhoso desvelamento da misoginia e do enviesamento midiático.

Ariel Gómez Ponce (Universidad Nacional de Córdoba, Argentina) põe em tela os registros biográficos do compositor, cantor e instrumentista Kurt Cobain (1967-1994), um dos integrantes da banda de rock Nirvana ao final dos anos 1980 e início da década de 1990. De tais registros, o artigo elege um filme de longa-metragem sobre o ídolo roqueiro, *Cobain: Montage of Heck*, dirigido em 2015 pelo cineasta americano Brett Morgen; ao comentar a película, explora algumas das ideias de Lúri Lotman a propósito das biografias, transpondo-as do domínio literário, onde as pensava o semiótico russo, para o território da indústria cultural e do mundo do consumo contemporâneo. As múltiplas referências de que se vale o ensaio para lembrar traços da biografia de Cobain são postas em colaboração no sentido de depreender, mais do que as idiossincrasias de uma personalidade individual, o que haveria, na trajetória do músico, de emblemático de uma mitologização – que ele não foi o primeiro a experimentar – no mundo do amplo consumo, em que sua figura acaba reunindo facetas do “artista maldito”, celebrado desde a época do Romantismo, e do “ídolo pop” fetichizado nos tempos do consumo de massa. Tal como já ocorrera anteriormente com outras jovens personalidades do *show-business*, aí deparamos, e em especial quando contemplamos em retrospecto sua caminhada, com os signos da intensidade excessiva impulsionada pela voracidade do mercado pop e, conjugados a eles, os da proximidade dos limites, ambos concorrendo para um destino que a teia do *star system* acabaria tragicamente abreviando.

Desenhando um arco temporal de grande amplitude, Winfried Nöth (PUC, São Paulo/SP) visita rapidamente alguns autores que pontuaram a história das “classificações das ciências”, desde a Antiguidade até meados do século XIX, passando pelas Idades média e moderna, para então comentar, com mais vagar, as propostas que, nesse âmbito, seriam trazidas por três pesquisadores situados na segunda metade dos Oitocentos e início do século XX: Charles Sanders Peirce, Adrien Naville e seu colega na Universidade de Genebra, Ferdinand de Saussure. Nesse longo período, o autor centra a atenção para o lugar concedido, em cada proposta, aos “estudos da linguagem”, desde bem antes da introdução e difusão de denominações como “Linguística”, “Semiótica” ou “Semiologia”. Particularmente pródigo em taxionomias das ciências é o século XIX, durante o qual se vai consolidando uma crescente bifurcação entre *Geistes-* e *Naturwissenschaften* que irá se refletir nas divisões disciplinares e escolares dos tempos subsequentes. Na virada dos séculos, entre Saussure e Naville parece se apresentar alguma oscilação acerca da filiação da Linguística (e da Semiologia então vislumbrada como algo a ser desenvolvido futuramente) aos domínios do sociológico e do psicológico, havendo indícios de que, ao menos em Naville, os fatos sociológicos estariam abarcados, ao lado de outros, no seio dos fenômenos psicológicos. Quanto a C. S. Peirce, um texto seu de 1903, *An outline*

classification of the sciences, situa a Semiótica na continuidade da tradição lógica e não, como fazem os estudiosos suíços, nos domínios psicológicos ou sociológicos. Para Peirce, a “ciência das leis gerais dos signos”, dentro do quadro amplo das ciências que ele denomina “heuréticas” (ciências das descobertas), vem posicionar-se como disciplina normativa, ao lado da Estética e da Ética. Igualmente subordinada às ciências heuréticas, a Linguística também aparece nessa taxionomia, porém no interior de uma subdivisão distinta. Peirce diferencia, nas heuréticas, (i) o campo das Matemáticas, (ii) o campo da “Cenoscopia” (que lida com as “coisas comuns”) e (iii) o da “Ideoscopia” (que lida com as “coisas especiais”). Num tal panorama, a Semiótica situa-se entre as disciplinas cenoscópicas (vale dizer, que tratam de questões mais fundamentais) enquanto a Linguística se posiciona entre as ideoscópicas (interessadas por questões mais particulares). Depois de efetuar esse exame mais detido sobre os três pesquisadores em destaque, o artigo ainda menciona, de modo mais breve, algo da posteridade dessas considerações taxionômicas entre estudiosos do século XX, para, em sua conclusão, propor uma visão prospectiva sobre os lugares dessas ciências à luz das transformações epistemológicas de princípios do século atual.

O artigo de Vanessa Pastorini (USP, São Paulo/SP), “Poéticas ameríndias: uma leitura *antropossemiótica*”, coloca-nos em face de uma importante reflexão acerca do alcance e das limitações da Semiótica Francesa, enquanto teoria e metodologia de análise, diante de textos concebidos no cerne de uma epistemologia extra-hegemônica ou extra-ocidental – como é o caso, por exemplo, do *corpus* de análise selecionado pela autora: um conjunto de falas xamânicas (cantos de cura) pertencentes aos povos Marubo, do Vale do Javari.

Com vistas a apreender o “embaralhamento de vozes enunciativas” presente nos cantos analisados, Pastorini procura estabelecer, ao longo de seu artigo, um complexo ponto de convergência entre a Antropologia, os Estudos Literários e a Semiótica Francesa – sobretudo no que concerne, neste último caso, aos trabalhos de Claude Zilberberg sobre a tensividade, de Renata Mancini sobre o projeto enunciativo e o arco tensivo da obra, e de Jacques Fontanille sobre a composição do corpo semiótico e sobre a assim denominada antropossemiótica perspectivista.

Em “Uma leitura tensiva do suspense em *Continuidade dos parques*, de Julio Cortázar”, Gabriela Zaupa (UFC, Fortaleza/CE) e Ricardo Lopes Leite (UFC, Fortaleza/CE) procuram evidenciar, nesse conto duplamente célebre – célebre como objeto de fruição literária e célebre, também, como objeto de análise da Semiótica Francesa, desde a brilhante análise realizada por Greimas em seu livro *De l'imperfection* (1987) –, as diferentes fases do que se configura como um percurso tensivo canônico de criação do suspense. Esse percurso se compõe, conforme indicado no texto, de três fases distintas e subsequentes, dispostas, ascendentemente, no diagrama tensivo, em uma correlação de ordem inversa. A

curiosidade ocupa a região mais difusa e tênue do diagrama e é seguida da *expectativa*, que ocupa a região intermediária. A região mais impactante e concentrada é ocupada, finalmente, pela *surpresa*, que pode ou não estar vinculada à *suspensão*, ou seja, a “um alargamento do tempo em função de um não agora”. Importa notar que, uma vez estabelecido, esse percurso geral se realiza de maneiras diferentes em diferentes textos e discursos. No que concerne ao desfecho do conto em análise ou, mais especificamente, ao efeito desse desfecho sobre o enunciatário-leitor, Zaupa e Leite assinalam uma singular manutenção da dimensão inteligível, mesmo em face de um aumento paulatino de intensidade.


Reunindo sob a égide de um estudo geral da significação propostas advindas de diferentes áreas do conhecimento – a saber, a Filosofia, a Psicanálise, a Sociologia e a Semiótica de linha francesa –, Sandra Fischer (UTP, Curitiba/PR) e Aline Vaz (UTP, Curitiba/PR) empreendem, em seu artigo “Cenas de um Brasil sem saída: imagens do neossujeito na telenovela *Pantanal*”, uma interessante análise de personagem, baseada, em sua quase totalidade, em certos arranjos de ordem espacial. Produto direto do neoliberalismo, a personagem em análise – a *Madeleine* da versão mais recente da telenovela indicada no título do artigo –, caracteriza-se, fundamentalmente, como um neossujeito ou, ainda, como um sujeito neoliberal, estimulado a conviver, em todas as suas relações físicas e afetivas, “sob um regime de [eterna] concorrência”, que o faz oscilar, continuamente, segundo as autoras, “entre a depressão e a perversão”. A proposição central do texto é a de que o espaço em que se insere o neossujeito – um espaço feito de “paisagens anestésicas”, profundamente marcadas pelo fechamento e “delineadas pelo convívio apático que tende a paralisar” – contribui, fundamentalmente, para a constituição discursiva desse mesmo sujeito, refletindo ou modulando sua relação com o mundo.

Por fim, em uma chave mais ampla, que toma “*a telenovela como campo do sintoma*, metonímia e metáfora do espaço físico e social em que é produzida”, o enclausuramento neoliberal da personagem em foco, acaba por colocar, também, em cena, *um país sem saída*, uma vez que circunscrito por essa mesma lógica neoliberal.

Na diversidade de referenciais teóricos, de linguagens contempladas, de matérias submetidas a apreciação e de ângulos de acercamento, acreditamos que os leitores deste número da *Estudos Semióticos* encontrarão um bom material para aprendizado e leituras de largo proveito. Bem-vindos a mais uma temporada! ●

Portraits, landscapes, and history through semiotic perspectives

 LOPES, Ivã Carlos

 LEMOS, Carolina Lindenberg

 INÁCIO, Adriana Elisa

Como citar este artigo

LOPES, Ivã Carlos; LEMOS, Carolina Lindenberg; INÁCIO, Adriana Elisa. Retratos, paisagens e história em perspectiva semiótica. *Estudos Semióticos [online]*, vol. 20, n. 1. São Paulo, abril de 2024. p. i-v. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: dia/mês/ano.

How to cite this paper

LOPES, Ivã Carlos; LEMOS, Carolina Lindenberg; INÁCIO, Adriana Elisa. Retratos, paisagens e história em perspectiva semiótica. *Estudos Semióticos [online]*, vol 20, issue 1. São Paulo, April 2024. p. i-v. Retrieved from: <https://www.revistas.usp.br/esse>. Accessed: month/day/year.

Este trabalho está disponível sob uma Licença Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 Internacional.

This work is licensed under a Creative Commons CC BY-NC-SA 4.0 International License.

